

A crise ou o «deserto em que voluntariamente nos instalámos»¹

Rui Matoso
rui.matoso@gmail.com
Junho de 2007

Preâmbulo:

A Crise, tema proposto para esta segunda nota crítica, é, por excelência, a nossa condição (in)humana contemporânea. Talvez nunca tenhamos vivido sem estarmos na companhia de crises. Hoje, aqui e agora, dizem-nos que ela é colossal

Este é o tempo // Da selva mais obscura².

A Crise, é também uma crise pessoal, na primeira pessoa do singular, e do plural: a minha crise...a nossa crise. Deste modo, assumirei aqui a minha dose de perplexidade, num registo discursivo híbrido, misturando-me a mim mesmo ao ensaio e à poesia, de Eduardo Lourenço e de Sophia.

A Crise (do grego *Krísis*) significa, pela sua etimologia, um momento decisivo, uma emergência, um risco, mas simultaneamente uma oportunidade. Portanto, ficarei exposto à crise, escolhendo o risco de prosseguir... navegando à bolina, isto é, com muito mais dúvidas do que certezas.

I

A História é uma sucessão de deuses mortos, uma espécie de cemitério divino. Antes de Pã muitos outros deuses sucumbiram, nenhum escapou à voracidade dos homens e às suas grandes narrativas; nem Deus-Cristo acumulador de verdades e valores, que ora aparece ora se esconde, intermitentemente, como idolátrica fantasmagoria.

Por agora habitamos o deserto, e temos medo...

Até o ar azul se tornou grades // E a luz do sol se tornou impura³.

1 Citação retirada da conferência de Eduardo Lourenço, Gulbenkian, 25.10.2006

2 Sophia de Mello Breyner Andresen, *Este é o tempo...*, Livro sexto, 1962

3 *Ibid.*

À sombra de Nietzsche – título da conferência de Eduardo Lourenço – temos (sobre)vivido anestesiados entre Apolo e Dioniso, entre a maternal necessidade de segurança e harmonia e uma permanente, furiosa e fulgurante orgia tecno-estética. Evitando, é certo, quase sempre o abismo que cavámos, como quem tem esperança de encontrar algum pedaço de um deus vivo.

Mas nada...encontrámos o futuro nada, uma noite

*Densa de chacais // Pesada de amargura*⁴.

E essa é a crise, diz Eduardo Lourenço, o facto de nos termos encontrado a nós mesmos no vértice vazio, no lugar de um *Todo Poderoso*, nós e os nossos queridos valores, as nossas ilusões geometricamente edificadas, quais relíquias cristalinas.

O deus que Zaratustra anuncia ter morrido era a nossa última certeza, o nosso reduto final de verdades, de sentido, o nosso “espírito absoluto” do progresso e da história – como queria Hegel.

II

Crise de poder, crise de identidade, crise cultural, crise social, crise das instituições, crise política, crise ambiental, crise económica, crise de valores,.....mil e uma crises.

Existirão hoje tantas crises quantos os nomes de Deus inscritos pelas religiões nas diversas Sagradas Escrituras ? Serão as múltiplas crises actuais resultado da fragmentação, do desmembramento do corpo de deus? Como na mitologia dionisíaca...

Ainda que tratando-se de metáforas, estas relações podem reflectir bem a importância actual da religião no mundo, designadamente a relação entre religião e identidade cultural. Na verdade, muitas questões políticas e sociais contemporâneas giram em torno de reivindicações conflituosas de identidades que envolvem grupos diferentes.

Os conflitos a nível mundial parecem justificar-se -segundo a ortodoxia vigente- pelas divisões e antagonismos provocados pelos vários credos religiosos, os quais significariam uma pertença exclusiva e singular também em termos culturais. Criando assim uma perspectiva identitária fechada aos outros, fechada ao mundo. O que, na esteira de Samuel Huntington, seria o tal choque das civilizações...

*Este é o tempo em que os homens renunciam.*⁵

4 *Ibid.*

5 *Ibid.*

Mas, o que é a identidade? Que tipos de identidade existem? Como se formam?

Esta é uma zona de profundas alterações, de várias interpretações e de profunda crise, mas igualmente de oportunidades.

A crescente complexificação do mundo é fruto da derrocada das grandes narrativas lineares, das ideologias que marcaram todo o século vinte, das divisões simplistas das perspectivas *correctas*: de um lado estavam os bons, do outro estariam os maus... Esse estado dual e estático do mundo já não é sustentável, nem possível. A pluralidade instalou-se, ou quer instalar-se...definitivamente?

O passo decidido não acerta com o cismar do palácio

O ouvido não ouve a flauta da penumbra⁶

III

No campo cultural, que é o que nos interessa, a multiplicidade de enquadramentos conceptuais e práticos é bem visível, por exemplo, ao nível dos “públicos da cultura”.

Que relação mantêm hoje os indivíduos com a cultura, ou com as culturas? Que significa pertencer a um dos muitos públicos das culturas?

O modo como consumimos arte e cultura e os significados que daí emergem têm vindo a sofrer mutações em poucas décadas. Entre os modelos teóricos de Pierre Bourdieu (em *La Distinction*) e os mais recentes desenvolvimentos nos estudos de públicos (Richard Peterson ou Bernard Lahire, por exemplo), é possível verificar a mesma complexificação nas relações entre os indivíduos e os consumos culturais.

Se em Bourdieu o indivíduo ocupa uma determinada posição no espaço social porque possui um determinado *habitus*, isso significa um tipo de consumo cultural e simbólico unificado, dando assim uma explicação que identifica determinada elite (detentores de capital económico e cultural) com o consumo distintivo de cultura legítima, cujo píncaro dos píncaros seria a Ópera. Assim, um determinado público estaria disponível apenas para um determinado tipo de produtos, configurando-se num certo *estilo de vida*, monoteísta e monogâmico, digamos...

Porém, segundo a matriz de estudos mais recente, vindos das correntes pós-modernistas, os mesmos indivíduos possuem hábitos de consumo muito diferentes, ecléticos, portanto. Pode, por isso, ser muito possível e natural que uma pessoa assista a uma *récita de Ópera de manhã*, vibre com um concerto de Jazz à tarde e delire numa *Rave-party* à noite – se conseguir sobreviver a tudo, claro!

6 Sophia de Mello Breyner Andresen, *A activista cultural*, in O Búzio de Cós e outros poemas

O pensamento nada sabe dos labirintos do tempo

O olhar toma nota e não vê⁷

IV

Existirá um consumo de crises? Crises consumidas, crises consumadas...talvez seja essa a crise do consumo cultural, ao consumir cultura consumimos a própria natureza humana, a segunda natureza. Consumimos-nos a nós mesmos numa autofagia encenada.

Depois de termos consumido a primeira natureza resta-nos agora a segunda. Consumir é destruir, sumir com, extinguir-se, morrer em acto. No mundo tribal o *potlach* representava bem esta associação entre os bens possuídos e a sua destruição pelo fogo, uma orgia ígnea.

O palindroma latino

In girum imus nocte et consumimur igni

usado por Guy Debord como título de um seus filmes-ensaio revela-se útil como metáfora para uma sensação generalizada de crise pessoal-local-social-global:

Movemo-nos na noite sem saída e somos devorados pelo fogo.

Entre a Melancolia e a Aporia, entre uma depressão narcísica e o abismo.

Há um paradoxo qualquer que emerge do fim de um universo qualquer que nos deixa entregues a um estado de anomia, um estado de caos mental de onde podem emergir a todo o momento as forças primitivas da depressão, originando uma subjectividade patológica: consumir é o verbo da destruição... um verbo anti-cristo ... mas no principio era também o verbo, qual verbo?... conhecer ? O verbo conhecer (*cognoscere*) é o oposto de destruir, significando nascer com...co-nascer...nascer em acto?

- Consumir o quê?
- Tudo...tudo se consome como imagem, apenas imagem enquanto imagem, elaborada e transmitida não só para substituir o real, mas para oferecer um suposto gozo imediato e assim bloquear os processos psíquicos e sociais de simbolização, sem os quais o desejo não pode ser transfigurado e realizado. Paralisia do desejo no narcisismo,

7 Ibid.

impossibilidade de simbolização e ausência de pensamento.

Pensar é fazer nascer mundos por dentro e por fora, consumir é destruir mundos por dentro e por fora.
.....a seguir vem normalmente o *Prozac*.
..... mas há ainda quem prescreva Platão....

...e porque não?